

VIDA DA BROCA

A broca vive exclusivamente como parasita do café. Escondida nos grãos que ficam na árvore depois da colheita ou naqueles caídos ao chão, aí espera (dormindo) que se forme a nova carga nas plantas; nessa ocasião, levanta vôo, certa de que melhores dias a esperam. Enquanto não há ainda o seu tipo de café preferido — o cereja — contenta-se em defender um lugarzinho no verde, no qual fura um buraco razo e se mete nele, com o trazeiro do lado de fora. Quando o grão começa a amadurecer, reinicia o trabalho, fazendo uma galeria até dentro da fava; aí, abre um buraco maior, bota os ovos e cria os filhos — umas larvinhas brancas, que comem a massa do grão e depois de algum tempo começam a “virar” broca adulta.

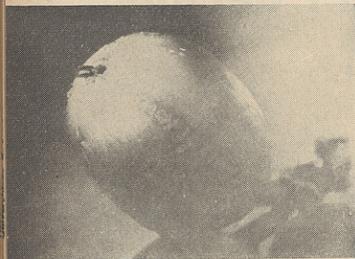
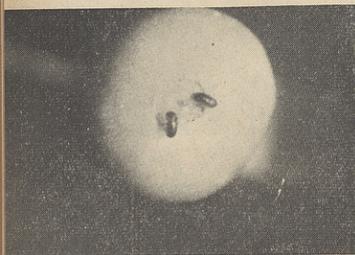
De cada 50 ovos, nascem 5 machos e 45 fêmeas, que se casam já dentro mesmo: os machos morrem logo e as vivavas abandonam a casa paterna, em busca de novas cerejas para criar outras famílias. Em um ano podem acontecer sete gerações, de modo que (teoricamente) a fêmea inicial é responsável por uma descendência de milhões de brocas, que fazem “misérias” em outros tantos grãos de café.

Esta descrição (rápida e meio sumária) da vida da broca foi feita para pôr em destaque um ponto importante: que ela está sujeita a ser combatida quando sai dos frutos restantes da safra que foi colhida para atacar as da nova carga. É nesse período — quando ela está “em trânsito” dos frutos velhos para os novos — que pode ser atingida e morta pelos inseticidas usados no seu combate.

ABRINDO UM PARÊNTESES

Antes de falar nesses inseticidas, convém esclarecer que o contrôlo da broca não começou logo com eles. Nos velhos tempos, quando a praga apareceu, eram praticadas medidas

A broca procura a “corôa” do fruto, onde começa a perfurar a galeria que atinge até o interior da fava;



para reduzir os focos: colheita mais cedo e bem feita; repasse, para eliminar os frutos que ficaram na árvore; catação profilática, visando os “temporões” e frutos caídos ao chão, junto da árvore, ou presos nas forquilhas de galhos; e “panela” formada pelos troncos; eliminação das lavouras abandonadas; e ainda se recorria a um inimigo natural, a vespa de Uganda.

Bem executadas, tais práticas conseguem reduzir os prejuízos e ainda hoje muitas delas persistem, oferecendo vantagem no combate à praga — colheita mais cedo, limpeza dos frutos que ficam na árvore e no chão e eliminação de lavouras abandonadas.

MORTE DA BROCA

A broca começa a atacar quando o café passa de “chumbinho” a “verde”. Um teste fácil para conhecer o “ponto de ataque” consiste em apertar entre os dedos um fruto cortado: se está muito úmido, ainda é cedo; mas se não deixa escorrer água, é sinal de que a broca já pode entrar e de que, também, está na hora de fazer o tratamento.

Já está demonstrado que consegue-se controlar a broca com polvilhamentos de BHC a 1% de isômero gama (princípio ativo do inseticida). O produto é encontrado no mercado com vários nomes comerciais, e em algumas partes o governo o está vendendo; máquinas para polvilhar, existem de diversos tipos — desde as manuais às motorizadas. A dosagem indicada é de 40 kg por mil cafeeiros em cada tratamento, admitindo-se serem necessárias duas aplicações.

O que se pretende com o polvilhamento é cobrir toda a planta com uma fina camada do pó venenoso, a fim de que a broca, caminhando sobre ela quando vai de um fruto para outro, morra antes de furar os grãos. Para se conseguir isso, é preferível fazer o serviço pela

ai faz uma grande postura de ovos, que viram larvas e comem a polpa, destruindo e desvalorizando o café.

